

Care Santos

**A Cor da Memória**

Tradução  
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO  
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Care Santos  
Direito de tradução cedido por  
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL  
para Planeta Manuscrito Unipessoal Lda.  
Todos os direitos reservados  
© 2011, Planeta Manuscrito

Título original: *Habitaciones Cerradas*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Segundo Capítulo

1.ª edição: Fevereiro de 2012

Depósito legal n.º 338 089/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-258-7

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)



## ***Teresa Ausente, 1936***

*Fresco, 300 x 197 cm*

*Na actualidade, não visível*

Teresa Brusés foi a grande obsessão e – diz-se – também a grande desgraça da vida do pintor Amadeo Lax. Dos trinta e sete retratos que pintou dela, apenas uma terça parte se encontra datada no decurso dos oito anos que durou a sua convivência matrimonial. O mais atípico de entre eles, considerado a obra-prima do seu autor, foi este fresco de grandes dimensões executado durante as obras de restauro do pátio da casa familiar e datado de 1936 (provavelmente no início do Verão). A técnica empregada foi aquela conhecida como «fresco a seco», que consiste em pintar com tintas diluídas em água sobre uma camada de argamassa ainda húmida, que Lax empregou aqui pela primeira e – curiosamente – última vez. A obra mostra a modelo da cintura para cima, com o corpo reclinado para o lado e o rosto quase de perfil. Contempla um ponto qualquer que fica fora do quadro, com um certo ar de desassossego ou de desapego. Todo ele se apresenta sublinhado pela gama cromática empregue – predominam os tons escuros: azuis, negros, ocre, anis... – e pelo traço grosso, dir-se-ia algo descuidado, com que se resolveram alguns pormenores, tais como o cabelo ou as mãos. Trata-se de uma curiosidade na obra de um pintor meticuloso, que sempre atentou ao contorno e ao traço e que nesta ocasião demonstra uma proximidade aos expressionistas inédita na sua trajectória. Por certo que se escreveu muito acerca do estilo desta obra, que a maioria dos especialistas atribui ao momento crítico em que foi concebida: pouco depois de a modelo ter abandonado o pintor por outro homem. Lamentavelmente, o fresco não está exposto ao público, por se encontrar no interior daquela que fora a residência do artista, cujo projecto museológico há anos que espera o beneplácito das instituições, entre as quais se encontra o governo autónomo, a quem Lax instituiu herdeiro da casa e da sua obra.

*Jóias da Arte Catalã,*

*Edições Pampalluga, Malgrat de Mar, 1987*

De:   
Data:   
Para:   
Assunto:

---

Não nos conhecemos. O meu nome é Silvana e vivo com a minha família em Nesso, uma pequena aldeia junto ao lago de Como, no Norte de Itália. Escrevo-lhe por incumbência da minha mãe, que deseja fazer chegar uma carta às suas mãos. Será que a senhora se importaria de nos facultar um endereço postal?

Fico à espera da sua resposta e envio-lhe os meus melhores cumprimentos.

SILVANA

Nesso (Itália), 10 de Fevereiro de 2010

*Estimada menina Lax*

*Talvez pense que esta carta lhe chega vinda de outro mundo. Desculpe-me por não lha enviar através dessa via diabolicamente rápida que as máquinas puseram ao nosso serviço, mas eu sou daquelas que ainda pensam que as linhas manuscritas contêm muito mais do que uma simples mensagem: o latejo da mão que as traça, a humidade da lágrima que as acompanha e talvez até mesmo o tremor da emoção que as justifica. Talvez pense que quem lhe escreve é uma desiludida da modernidade, ou isso que intitulam uma pessoa amante das tradições, e sem dúvida terá acertado. Deve ser este lugar onde nasci e de onde poucas vezes saí que me fez acreditar no erro de que o mundo é lento e plácido. E na minha idade, para dizer a verdade, prefiro manter-me na ilusão. Acrescento apenas a este preâmbulo o meu agradecimento pela sua generosidade. Se lhe serve de compensação por ter facultado os seus dados postais a uma desconhecida, confesso-lhe que me teria sido muito difícil contar-lhe o que quer que fosse valendo-me dessas medonhas teclas de plástico.*

*O assunto que me levou a escrever-lhe parecer-lhe-á, a princípio, alheio ao seu interesse: a minha mãe morreu há poucas semanas. Espero poder ter ocasião de lhe explicar como ela era e o quanto amava este lugar, onde chegou quando pouco mais era do que uma criança. A sua ausência deixou-nos uma desolação que nada pode mitigar. Somente, quiçá, realizar os seus últimos desejos, muito embora estes sejam para nós – para mim e para a minha filha – tão surpreendentes quanto, suponho, o serão para si.*

*Se bem que a princípio não entendíamos a razão, a minha mãe nomeou-a a si no seu testamento. Essa cláusula não foi a única coisa que nos deixou estupefactas. É por isso que precisamos – eu, pelo menos – de um breve período de tempo para comparar dados e assegurar-nos de que aquilo que no início tomámos como fantasias de uma mente esgotada de viver eram na realidade os alicerces da nossa história familiar e – desconfio – também da sua.*

*Tudo isto, como compreenderá, requer algumas horas de conversa. Há coisas que convém serem tratadas pessoalmente, diante de algo para comer e com uma bela paisagem como pano de fundo. Desculpe, por favor,*

*a brevidade das minhas palavras. Não posso alongar-me numa mera carta. Nem sequer numa carta a sério, como esta.*

*Posto isto, Violeta, nesta folha de papel viaja o meu convite formal para visitar-nos. A nossa casa é um pequeno remanso de paz com vista para um dos locais mais idílicos do mundo. Poderá ficar o tempo que desejar, para além daquele que nos ocupar os assuntos que precisamos abordar. Se as informações que possuo a seu respeito forem correctas, a minha filha, Silvana, tem aproximadamente a sua idade. É ela quem dirige agora o nosso pequeno hotel, onde me consta que dispõe de um quarto reservado em seu nome. Só precisará indicar-nos o dia da sua chegada e nós encarregar-nos-emos de ir buscá-la.*

*Esteja certa de que a trataremos como mais um membro da família.*

*Com o desejo de que tal ocorra com a maior brevidade possível, saúda-a com afecto, a sua*

FIGURELLA OTRANTE

De: Violeta Lax  
Data: 1 de Março de 2010  
Para: Arcadio Pérez  
Assunto: Viagem à Europa

---

Querido Arcádio

Decidi finalmente viajar para a Europa. Drina, a minha assistente, está a tentar arranjar-me um bilhete para a próxima semana. Diz-me quantos dias achas conveniente que eu fique, de modo a planificar bem a minha estada. Já sabes que aquilo que mais me interessa é ver o fresco de Teresa antes que este seja retirado do muro do velho pátio, mas acompanhar-te-ei – na qualidade de especialista, de herdeira ou de amiga (o que for mais útil e conveniente para ti) – a essas reuniões terríveis de que tanto me falas. Aviso-te, desde já, que os políticos põem-me doente.

Além disso, tenciono viajar também para Itália. A minha intenção, no início, era ir ali primeiro e depois dar um salto a Barcelona, mas esta manhã lembrei-me de repente que as obras de restauro devem estar pres-tes a começar e por nada deste mundo quereria perder esta última oportunidade de ver o expoente máximo da obra do meu avô na sua localização original. Principalmente quando se trata de uma obra de que falei, escrevi e cheguei mesmo a pontificar durante anos.

Resumindo: aguardo notícias.

Beijos.

VIO

*P. S.:* Decerto que se me convidares a tomar um bom vinho prometo contar-te as estranhas circunstâncias em que uma dama misteriosa e de tempos passados me convidou para visitá-la no lago de Como. Juro-te que não é nenhuma piada. Além do mais, estou a pensar ir. Daniel diz que estou louca. Ah, Daniel envia-te cumprimentos. Nos últimos tempos anda tão ocupado com o seu romance que nem sequer tem tempo para a sua família.

De:   
Data:   
Para:   
Assunto:

---

Remeto-te em anexo toda a informação sobre os voos europeus que me pediste: Chicago-Barcelona e Barcelona-Orio al Serio (Bérgamo/Milão). Descobri que este último aeroporto é o mais próximo do lago de Como, que é para onde pretendes ir, não é verdade? Depois me dirás se preferes fazer um pouco de turismo em Milão ou se está bem assim. Também preciso saber quando regressas e a partir de onde.

Já sei que detestas estas coisas, mas preciso perguntar-te uma coisa. Não na qualidade de assistente, desta vez, mas sim de amiga. Ao fim e ao cabo, fui muito antes a segunda coisa do que a primeira.

Escuta, Vio, tens a certeza de que esta viagem não é, na realidade, uma fuga? Não sei, decidiste com tanta precipitação e num momento tão inusitado. Não entendo por que tens de ir precisamente agora, quando o Art Institute está prestes a inaugurar a TUA exposição dos retratistas! E aquilo que dizes na tua mensagem deixou-me ainda mais confusa: «Fazer as pazes com uma parte do meu passado que deixei escapar»? Não me ocorre o que possa ser tão importante para ti a ponto de renunciarestes à satisfação de proferir um discurso diante de todos os chefes no dia da inauguração. Bem sei que dizes que isso é apenas secundário, que na realidade o que te leva à Europa é um culminar de razões, começando pelo fresco de Teresa, mas eu não consigo ver as coisas assim com tanta clareza.

Talvez esteja a ultrapassar os limites mesmo nas minhas funções de amiga, mas estou desconfiada de que tudo isto está mais relacionado com a crise de que me falaste no outro dia. O trabalho de Daniel, a tua falta de fé na vossa relação enquanto casal, as obrigações que te impõem agora as crianças... Tudo isso vai passar, querida. Ou mudará de pele. Acontece com todos nós. É apenas uma questão de tempo para que vejas as coisas sob outro prisma. Resumindo: só queria dizer-te que estou muito preocupada contigo. Tenho a impressão de que



estão a acontecer-te muitas coisas ao mesmo tempo e eu não entendo nenhuma delas.

Prometes-me que cuidarás muito bem de ti? E que contarás comigo, se precisares de mim, para algo mais do que apenas organizar a tua agenda?

## Capítulo 1

– Um dia destes ainda hei-de contar-te tudo aquilo de que me recordo e os mortos revolver-se-ão nas suas tumbas – sussurrou Concha certa vez à sua querida Aurora.

A vida não lhe proporcionou demasiadas oportunidades para poder ser capaz de discorrer com grande fluência. Não obstante esse facto, isso pode muito bem ter sido um dos inúmeros motivos por que Concha nunca revelou a ninguém tudo aquilo de que se lembrava.

Nunca contou, por exemplo, que no sábado dia 24 de Dezembro de 1932 a senhora dona Maria del Roser Golorons, viúva de Lax, depois de assistir à missa das nove na igreja de Belén, dedicou quase todo o dia a visitar os Grandes Armazéns El Siglo. Passou muito tempo na secção de roupa para crianças no segundo piso, onde adquiriu um enxoval completo para o seu primeiro neto, que haveria de nascer em meados da Primavera: fraldas de pano em algodão, cueiros ornados com festões, camisas de cambraia e de fio holandês e até mesmo meia dúzia de chambres de madapolão com bordados e adornos à inglesa (para o caso de o neto vir a ser uma neta). Na secção de brinquedos escolheu um cão saltitão que causava um grande impacte, um cavalo de papelão e um carrinho de folha-de-flandres com os seus cavalinhos a trote. Em seguida, visitou a secção de cestaria a fim de adquirir um andarilho, um protector acolchoado para a cama adornado com borlas de lã e um berço com sobre-céu, que era de vime mas que custava tanto como um da melhor madeira. As expectativas da senhora ao suprir as necessidades do primeiro filho

de Amadeo, o seu primogénito, e da sua querida Teresa transpareciam no volume das compras.

– As crianças de hoje são mais complicadas do que as de antes, precisam de mais coisas – dizia ela de modo a justificar as suas compras.

Antes de prosseguir, a senhora deteve-se em frente de uma casa de bonecas de dois andares que custava dez pesetas. Por um momento, Concha temeu que aquela visão despertasse nela as piores recordações da sua malograda Violeta, mas de novo se surpreendeu ao ouvir:

– Este será o meu presente de Natal para a tua filha. Achas que ela vai gostar?

Uma rapariga vestida com o elegante uniforme negro das funcionárias do estabelecimento sorria para as damas do outro lado de um balcão de madeira.

Concha aproximou os lábios do ouvido de dona Maria del Roser e com a maior discrição disse:

– Eu não tenho filhos, minha senhora. Deve estar a referir-se a Laia, a filha de Vicenta, a cozinheira.

– Exacto, essa pequena tão bonita, com aqueles olhos travessos!

A senhora pareceu entusiasmar-se, mas logo em seguida aborreceu-se.

– Não. Não é boa ideia. Não acho que essa menina ainda se interesse por casas de bonecas.

– Ela tem doze anos – especificou Concha – e nunca teve nenhuma. Acho que iria adorar.

– Não, não, não.

A senhora afastou essa ideia como se fosse bastante incómoda para si e recomeçou a andar, esquecendo-se da casa em miniatura.

Na secção de utensílios de cozinha quis que fosse a sua fiel acompanhante a escolher. Esse era, de certo modo, o seu papel, a razão da sua presença ali. Os olhos da senhora transformavam-na numa espécie de assessora omnisciente, vaticinadora de necessidades e até mesmo de catástrofes que podiam atenuar-se com umas quantas aquisições. Na realidade era Teresa, a nova senhora da casa, quem insistia para que Concha não deixasse a sogra sozinha nem mesmo por um segundo. Não só a acompanhava e a assistia – a sua saúde já era delicada – como também velava para que a avançada demência da matriarca não causasse dissabores à família.

Perante um empregado solícito que lhe mostrava tachos e panelas com o mesmo orgulho com que lhe teria mostrado sedas e organdis, a senhora dona Maria del Roser semicerrava os olhos, chamava Concha com um gesto da mão e dizia:

– Escolhe tu, que nessa matéria a autoridade és tu.

Nunca soube se aquela ignorância era real ou fingida, embora Concha sempre tenha desconfiado que a senhora sabia mais sobre o governo de uma casa do que alguma vez esteve disposta a admitir na sua vida e que a sua distração sempre foi mais produto da falta de interesse do que da incapacidade. A doença não dissipou nenhuma destas dúvidas.

Naquela tarde, examinando uma frigideira cujo fundo lhe devolvia uma caricatura de si própria, disse:

– Vamos precisar de pelo menos uma dúzia destas, não é verdade, Conchita?

Sem saber como, a criada conseguiu que levassem consigo apenas duas. A senhora encantou-se também por duas panelas e quatro tachos de tamanhos variados, todos de chapa de ferro e esmalte azul, da melhor qualidade. Na verdade, não precisavam de nada daquilo e nas cozinhas sobrava loiça sem serventia, mas a senhora dona Maria del Roser não compreendia que pudessem sair de El Siglo sem ter gasto pelo menos dez pesetas na secção de utensílios de cozinha do piso inferior.

– Gosto mais de panelas do que de brilhantes – costumava dizer, risonha, quando ainda gozava de todas as suas faculdades.

Naquele dia meteu-se-lhe na cabeça que havia em casa uma necessidade urgente de um serviço de copos de fino cristal que custava mais de cem pesetas e acrescentou-o à lista sem pestanejar, mesmo antes de passar pela secção de moda feminina para fazer a última prova do fato de cerimónia que havia encomendado, a cuja factura adicionou meia dúzia de combinações de cambraia e dois corpetes de linho bordado. Maria del Roser Golorons tinha um carácter demasiado intratável para ser escrava do que quer que fosse, nem sequer da moda, e durante toda a sua vida sempre se vestiu de acordo com um critério regido pela higiene, pela comodidade e por um uso adequado das cores, mas agora que estava a aproximar-se do último acto da sua vida, empenhou-se em voltar às anquinhas e à saia com cauda que varria os ladrilhos.

– A mulher elegante só deve mostrar as pontas dos sapatos – sentenciava ela, diante do olhar desesperado da modista, que um momento antes estivera a mostrar-lhe uns *croquis* referentes à última moda de Paris: uns casacos só com uma manga que a senhora achou estranhíssimos, tal como o nome que a empregada lhes dava, «assimétricos».

– Estes franceses não sabem o que fazer para nos ludibriar – disse, desviando a atenção para outra coisa.

Concha seguia-a pelo estabelecimento apinhado de gente, feliz como uma criança. Desde o ano em que Violeta morreu que não voltara a ver a senhora tão entusiasmada com os preparativos natalícios. Sem dúvida que o nascimento que se aproximava tinha muito a ver com esse bom humor. Graças a ele, a casa fazia lembrar um pouco a atmosfera de outros tempos, aqueles em que o silêncio ainda não havia chegado para ficar.

Depois das compras, a senhora dona Maria del Roser quis recompor-se um pouco no salão de chá. Acomodou as suas amplas saias numa das cadeiras de braços, pediu a Concha que lhe trouxesse uma revista de modas da sala de leitura – «mas que não seja francesa», sublinhou – e pediu um copo de água fresca e uma dose de croquetes. Também manifestou o desejo de falar com o proprietário do estabelecimento, que tencionava cumprir, como costumava fazer sempre que frequentava a casa.

– Senta-te, Conchita, não me enerves – disse ela, indicando a outra cadeira.

Don Octavio Conde apareceu quando ela saboreava o segundo croquete, tão pontual e galante como sempre.

– A família encontra-se bem? – perguntou, inclinando-se a fim de beijar a mão da sua querida Maria del Roser.

– Veja só o senhor que fatalidade – disse ela –, acabo de ficar a saber que Conchita não tem filhos.

– Na minha idade o mais apropriado já seria ter netos – gracejou a criada, que conhecia Don Octavio desde que este era criança.

E num sussurro junto ao ouvido da patroa, acrescentou:

– É Octavio. Vai achar estranho que o trate por senhor.

Octavio sorria, compreensivo, se bem que houvesse uma certa inquietação ou pode ser que fosse uma certa tristeza no modo como franzia os lábios enquanto olhava para a mãe do seu melhor amigo.

– Conchita é um pouco a mãe de todos nós – interveio ele. – E sê-lo-á também da terceira geração que vem a caminho.

– Com efeito, com efeito – replicou Maria del Roser, com o olhar perdido, antes de voltar a si de repente. – Como sabe?

Octavio teve uma espécie de sobressalto. Foi um gesto pouco evidente, que apenas uns olhos bem treinados na arte da observação como os de Conchita teriam sabido reconhecer.

– Porque o seu filho e eu somos amigos desde os tempos da escola. Conhecemo-nos no colégio interno dos jesuítas de Sarrià. E já se sabe – disse ele, tentando rir, mas a gargalhada saiu-lhe forçada –, as penúrias da vida de um internato são grandes forjadoras de amizades.

– Ah, sim, o colégio interno.

Maria del Roser exibiu uns olhos vidrados e cruzou os pés debaixo das saias, acomodando-se melhor.

– Como eu gostava de ir visitar-vos aos domingos – suspirou, nostálgica.

– Nós também gostávamos muito dos domingos – prosseguiu Octavio –, mas receio bem que fosse por outros motivos: com a presença das famílias, os padres transformavam-se em seres humanos. Como invejámos Amadeo quando se livrou deles! Sempre foi mais inteligente do que todos nós. E continua a sê-lo, sem dúvida.

Com a urgência de evitar um assunto espinhoso, a senhora mudou de conversa. Não lhe agradava falar sobre os anos em que o filho fora aluno dos jesuítas de Sarrià.

– Inteligente, sim – murmurou Maria del Roser entredentes, mordiscando um croquete –, pena é que se tenha tornado tão intratável, não lhe parece? De que estávamos nós a falar? Ah, sim. O senhor vai passar a quadra festiva em família?

– Receio bem que não – retorquiu Octavio, esfregando as mãos num gesto de nervosismo que nele parecia estranho. – Amanhã mesmo parto para Nova Iorque, para tratar dos meus próprios negócios.

Maria del Roser esbugalhou tanto os olhos que a sua testa se franziu como um acordeão. Concha mostrou-se mais surpreendida ainda.

– Nova Iorque? Por muito tempo? – perguntou a criada.

– Não posso sabê-lo, tudo vai depender de como as coisas me correrem.

E, numa mudança brusca de conversa, improvisou uma desculpa:  
– Foi um prazer vê-la, minha senhora. Agora, se me desculparem, ainda tenho muitas coisas para organizar.

– Claro, claro, nós compreendemos – disse Concha.

Maria del Roser não fez qualquer eco das surpreendentes notícias que acabavam de receber.

– Dê cumprimentos aos seus pais da minha parte – prosseguiu ela, como que numa ordem lógica das despedidas que se encontrava desde há muito tempo programada na sua cabeça. – Vê-lo-ei então depois das festas, quando viermos comprar o enxoval do bebé. Deverá nascer em... Conchita, para quando é que esperamos o meu neto?

– Para Maio, minha senhora.

– A pobrezinha da minha nora já sofreu um aborto, sabia? Mas desta vez tudo está a correr bem, graças a Deus.

Conchita começava a ficar incomodada com aquelas intimidades. Octavio Conde também não parecia à-vontade com o rumo que a conversa estava a tomar. Desejoso por se ir embora, repetiu o beija-mão, inclinou a cabeça na direcção de Conchita e antes de sair do salão de chá, fez sinal ao empregado de mesa que as duas senhoras eram suas convidadas.

Mal se tinha embora, quando uma grave contrariedade assomou ao rosto de Maria del Roser.

– Não nos lembrámos de lhe perguntar se a sua mulher se encontra melhor. Que grosseiras que fomos.

– Don Octavio é solteiro, minha senhora. De certeza que a senhora se referia a dona Cecilia Gómez del Olmo, que era a sua mãe – disse Conchita, ao mesmo tempo que a senhora lhe dava razão com um aceno de cabeça. – Lembre-se de que ela já morreu há muitos anos, a pobrezinha.

– A sério? E o marido voltou a casar?

– Não, minha senhora. Don Eduardo Conde sempre foi fiel à memória da sua defunta esposa. Até à sua morte, coisa que também já ocorreu há muito tempo.

Dona Maria del Roser franziu o sobrolho.

– Vamos, Conchita, estamos a começar a confundir-nos.

Caminharam uns quantos passos, mas antes de chegar ao elevador, a senhora deteve-se de novo. Um empregado vestido com uma libré carmesim abriu a porta para que elas entrassem.

– Como dizem eles que vai chamar-se o meu neto, Conchita? Nunca consigo lembrar-me – perguntou-lhe a senhora enquanto arrastava a saia para dentro do elevador.

– Modesto, minha senhora. Isso partindo do princípio de que seja um varão. E, se for mulher, não se sabe – respondeu-lhe com temor.

Temor pela dor adormecida que a qualquer momento poderia despertar.

– Gostaria que fosse Violeta – opinou a matriarca. – Deveria haver outra Violeta na família o mais depressa possível.

A dor dormia, confirmou a criada, sossegada.

– Imagina quererem pôr ao meu neto nome de ascensorista...! – indignou-se Maria del Roser, alheia ao empregado que tinha à sua frente. – E sabes tu por que escolheram um nome tão horrível? Com tantos santos que há.

– Em honra do pintor que foi o professor do seu filho, minha senhora. Já haviam mantido aquela mesma conversa dezenas de vezes. No entanto, a sua repetição não deixava moça em nenhuma das duas.

– Ah, sim, é verdade. O meu filho pinta. Creio que não de todo mal.

– É claro que não, minha senhora. Ele tem muito êxito. É bastante respeitado – redarguiu Conchita, com um orgulho maternal.

Esta conversa tinha lugar junto ao grande cartaz publicitário que ocupava quase toda a parede lateral do elevador. Nele podia ver-se uma jovem dama vestida de gala. Num dos cantos destacava-se o nome do artista com um grosso traço negro: Amadeo Lax. O quadro funcionava como um chamariz para os clientes, do mesmo modo que o fez quando serviu de cartaz publicitário aos armazéns, uma dezena de anos antes.

– Não te pareceu que Octavio estava estranho hoje? Não parecia ele – perguntou de súbito Maria del Roser.

Conchita ficara com a mesma impressão. Atribuiu o facto aos nervos da viagem que acabava de lhes comunicar.

– Se o meu filho tivesse revelado o mesmo empenho em dirigir as fábricas do pai e do avô, agora não seríamos pobres – desabafou



a senhora, antes de exclamar, pletórica: – Nós saímos aqui, meu jovem! Saia da frente!

Conchita saiu do elevador ruborizada até às orelhas. A senhora saiu como se nada tivesse acontecido, apressada por alguma emergência que só existia na sua cabeça.

– A senhora não é pobre, minha senhora – apressou-se a responder Conchita assim que se afastou o suficiente do ascensorista. – Só é um pouco menos rica do que antes.

– Do que antes do quê?

Várias rugas paralelas e delicadas surgiram na testa da senhora.

– Da crise. Dizem que afecta todo o mundo e não apenas os barceloneses. Alguns mais, outros menos, mas todos perderam alguma coisa.

– Não, Conchita, não te deixes enganar. Os ricos de verdade quase nunca perdem nada. Quando muito, talvez, a sua empáfia, porque com tanto anarquista solto por aí é preciso dissimular. Tu conheces algum anarquista?

– Não, minha senhora, nenhum.

– Ainda bem. Continua assim. Os anarquistas metem-se nas casas e roubam os tapetes. Em seguida, deitam fogo a tudo. Mas primeiro levam os tapetes. Os tapetes fascinam-nos – disse e depois sobressaltou-se outra vez. – Mas o que fazemos nós aqui a tagarelar como se nada fosse? Temos de ir para casa, Conchita. Comprámos tudo o que é necessário? Pensa bem.

– Sim, minha senhora.

– De certeza que não nos falta nada? Alguma panela para as refeições de amanhã, quem sabe?

– Não, minha senhora. Temos panelas suficientes.

– Tens a certeza?

– Absoluta, minha senhora.

– Bem, nesse caso não sei o que ainda estamos a fazer aqui.

Com o passo algo enfraquecido, porém tão elegante como sempre, a senhora dona Maria del Roser saiu para as Ramblas. Julián esperava alguns metros mais à frente, ao volante do *Citroën*. Assim que viu as mulheres sair, apressou-se a deixar o veículo, abrir a porta traseira e oferecer o braço à matriarca a fim de ajudá-la a entrar. Depois, fez

o mesmo com Concha, mas com um pouco menos de entusiasmo. Ambas se agarraram ao braço do veterano motorista com mais ênfase do que a cortesia permite. Para duas mulheres que ultrapassaram as seis décadas de vida, não era tarefa fácil encarrapitar-se naquela geringonça moderna, menos ainda quando por única ajuda dispunham de um motorista de quase setenta anos.

A senhora ocupou por fim o seu lugar, ofegante. Concha seguiu-lhe o exemplo e Julián suspirou, talvez aliviado por a operação de embarque se ter concluído sem contratempos, de modo a regressar ao seu posto atrás do volante.

Assim que o motor começou a rugir, a senhora disse, lançando uma derradeira vista de olhos às portas bem iluminadas dos armazéns:

– Aqueles croquetes caíram-me muito mal, Conchita. Sinto uma coisa aqui...

Apontava para o estômago, comprimido pelo corpete.

– Vamos para casa, Felipe – observou. – Não são horas de duas damas decentes andarem pelas ruas.

O veterano motorista não se ofendia por a senhora não se recordar do seu nome. Muito pelo contrário, sentia-se muito honrado por ela se lhe referir pelo nome do pai, que passou a vida na boleia da carruagem do primeiro senhor Lax, diligente e silencioso, como deve ser todo o bom serviçal. Idolatrara-o em vida tanto quanto o recordava após a morte e, ultimamente, dava graças por a senhora o ressuscitar com a sua memória distraída.

Sobre a marquise da entrada principal dos armazéns, uma família de bonecos infantis anunciava o Natal. As montras refulgiam. Na maior delas, um comboio eléctrico com os vagões carregados de embrulhos diminutos dava voltas sem descanso. Las Ramblas eram um buliçoso vaivém de pessoas azafamadas. Ouvia-se entoar um cântico, muito perto dali. Pelas grandes portas giratórias não paravam de entrar e sair pessoas.

O *Citroën* desceu a avenida mais popular da cidade em direcção ao mar. A senhora semicerrava os olhos. Concha deixava-se embalar pela alegria da festa, pelo último brilho do Sol no dia gelado, pela animação das ruas. Chamou a sua atenção a rica ornamentação da fachada da Companhia de Tabacos das Filipinas, e persignou-se à passagem pela igreja

matriz de Belén, onde às primeiras horas daquele mesmo dia havia cumprido a sua obrigatória visita anual, como tantos barceloneses. Vislumbrou as bancas das floristas ao longe, e sentiu um pouco de nostalgia da época em que nenhum motor perturbava as flores com os seus roncões. De boa vontade teria saído do carro para comprar um ramo de margaridas brancas, as favoritas de dona Maria del Roser, mas já estavam bastante atrasadas e angustiadas e não podiam dar-se ao luxo de perder tempo.

Ao chegar perto da Calle Portaferriça o carro deu a volta para entrar pelo outro lado, contornando o Palácio Moja, que mostrava os contraventos abertos, como se alguém tivesse decidido ventilar aqueles nobres aposentos. Um ou outro transeunte apercebera-se disso, tal como Concha, e olhava com curiosidade as pinturas e os medalhões do tecto, detido a meio do seu passeio. A curva despertou a senhora dos seus sonhos.

– Reparaste se a mula de reforço está preparada? – perguntou ela.  
– Não quero perder mais tempo.

– Estes carros modernos não precisam de mulas, minha senhora. É o motor que faz tudo.

O carro havia sido um capricho do senhor Rodolfo. Mandou-o comprar em França, há quase três décadas, empolgado com um anúncio onde se oferecia um «*Citroën*, com elegante carroçaria limusina-torpedo». Nenhum espírito avançado teria sido capaz de resistir a semelhante descrição. Foi um dos primeiros automóveis da cidade – a matrícula número quatro – e tão famoso que durante os primeiros tempos os transeuntes aplaudiam à sua passagem.

– Tu não te fies e vai ver se lá está a mula... – respondeu a senhora, antes de inclinar a cabeça sobre o peito e cair de novo profundamente adormecida.

No que outrora fora o teatro Coliseum anunciava-se para o dia de Natal à noite a sessão de gala de um filme de Harold Lloyd. Algumas pessoas esperavam junto à bilheteira; apenas uns metros mais à frente um par de cavalheiros conversava gesticulando e elevando o tom de voz. Concha suspirou de aborrecimento: tanto entusiasmo só podia ser despertado pelo catalanismo ou pela crise económica. Como lhe pareceu que se expressavam nessa doce e rica língua que tanto vale para proclamar repúblicas como para vender melões, inclinou-se pela primeira.

Chegaram ao seu destino já passava muito da hora do almoço. Noutros tempos, essa conduta teria sido inimaginável por parte da senhora. Os horários, cumpridos com uma exactidão meticulosa, foram sempre a engrenagem que assegurou o bom funcionamento da casa dos Lax. Tomava-se o pequeno-almoço às oito e um quarto, passeava-se entre o meio-dia e a uma e meia, almoçava-se às duas horas em ponto, rezava-se o terço às sete horas – às quartas-feiras um quarto de hora mais tarde – e jantava-se logo a seguir, sem alteração possível. Às quartas-feiras a senhora realizava as suas reuniões na biblioteca, às quintas-feiras recebia e aos domingos iam todos à missa do meio-dia na Igreja da Concepción, cujo pároco – o padre Don Eudaldo – costumava almoçar depois com a família. E assim, invariavelmente, uma semana após a outra, até que o Natal, a Semana Santa ou as férias de Verão alteravam as rotinas.

Naquele dia 24 de Dezembro de 1932, a senhora pediu que lhe servissem um chá no seu quarto e retirou-se sem cumprimentar nem falar com ninguém. O filho, que ficara à sua espera sentado à mesa – as costas muito direitas de encontro ao espaldar acolchoado da cadeira –, começou a comer, cansado de ver como a sopa arrefecia e, é claro, aborreceu-se imenso. Teresa, a nora, tentou desculpar a senhora chamando a atenção para a sua doença. O almoço do casal foi, não só por isso, desolador e triste. Além de silencioso.

À tarde, um par de moços de recados dos grandes armazéns veio trazer as compras, embaladas com todo o primor. O serviço de copos foi arrumado na arrecadação junto à despensa, à espera de instruções. Na cozinha registava-se um fervilhar de preparativos para o almoço do dia seguinte. O jantar da Consoada, em contrapartida, não constituía um hábito da família: reservava-se tudo para o almoço do dia de Natal.

A senhora dona Maria del Roser não saiu dos seus aposentos durante toda a tarde. À noite chamou Antonia para que esta a ajudasse a deitar-se. A mulher, que só chegara àquela casa há quatro anos, ao mesmo tempo que Teresa, saiu do quarto com a cara transtornada pelo espanto, afirmando que jamais havia visto a senhora tão descomposta, tão atrevida, nem fazendo tantas deixas disparatadas.

– Vou ficar louca se a escutar nem que seja mais um minuto – acrescentou.

Então, Teresa encarregou-se de tudo. Pediu desculpas à criada de quarto e ela própria ocupou o seu lugar, solícita, doce. Entrou no quarto da sogra como o teria feito um médico perante uma emergência. Algum tempo depois saiu e mandou chamar Conchita. As mãos e a voz tremiam-lhe quando lhe perguntou:

– Concha, por amor de Deus, tu sabes onde se guarda a chave do quarto de Violeta?

– Ai Jesus, não, minha senhora. Demo-la como perdida há anos, no dia em que... – interrompeu-se, pensando de novo na dor adormecida, que nenhuma palavra pronunciada em voz alta deve despertar.

Prosseguiu:

– A sua sogra serviu-se dela para fechar a porta a sete chaves. Depois desse dia, não voltei a vê-la.

Essas palavras não desanimaram Teresa:

– Pois ela deve tê-la guardado. Está convencida de que se encontra debaixo da sua cama e não faz outra coisa a não ser insistir para que eu a procure. Diz que quer tê-la à mão – explicou Teresa. – E foi o que eu fiz, procurei-a, mas ali não estava nada. Nem sequer pó.

– A senhora não diz coisa com coisa, sabe disso tão bem quanto eu. E, além do mais, não deveria agachar-se dessa maneira – e indicou com o olhar o ventre de Teresa que começava a inchar.

– É mais do que um simples desvario, Conchita. Eu nunca a tinha visto assim tão mal. Acaba de me pedir que vá chamar o seu filho Juan. Diz ela que quer vê-lo antes de morrer. Estou muito assustada. Sabes se Amadeo ainda está em casa?

Concha negou com um aceno de cabeça. Tinha visto Amadeo sair um instante antes, sem motorista, ao volante do *Rolls-Royce*. E, é claro, ninguém ali sabia a que horas ele pensava regressar. Como sempre.

– Tens de me ajudar, Concha.

– Acha que a senhora está a pensar entrar no quarto de Violeta? – atreveu-se a perguntar. – Fico horrorizada só de pensar nisso. Seria nefasto para ela. Não se esqueça que tudo ficou tal qual como ela deixou.

Teresa tinha o olhar triste. Sob os olhos desenhava-se um par de papos azulados. Levava as mãos ao ventre e arqueava as costas. Estava esgotada.

– Precisamos encontrar essa chave – disse – ou ela não conseguirá dormir durante toda a noite. Em algum lugar tem de estar.

Teresa recrutou entre o pessoal de serviço uma brigada inteira e pô-los a todos a procurar aquele diminuto pedaço de ferro. Ainda não havia aparecido quando o senhor regressou, às nove e um quarto, tão elegante e frio como sempre. Lançou uma vista de olhos sem interesse em redor, chamou Conchita e pediu que lhe servissem o jantar no seu estúdio. Logo em seguida tropeçou no rebordo, demasiado baixo, da escadaria de mármore e escorregou antes de começar a subir, mas ninguém se mostrou admirado. Nem mesmo ele.

Ao saber que o marido já se encontrava em casa, Teresa subiu até ao estúdio para lhe contar o que se passava e pedir a sua autorização para telefonar ao irmão. Desceu alguns segundos mais tarde, com os olhos cheios de lágrimas. Conchita esperava inquieta ao fundo das escadas.

– Ele autorizou que telefonemos a Juan?

Teresa negou com um aceno de cabeça.

– Era o que eu temia – resmungou a velha criada entredentes, com uma expressão contrariada.

Cerca de meia hora depois, a jovem Laia – que não tardara a cansar-se da busca e que a mãe mandou para a cozinha – subia as escadas das águas-furtadas tentando equilibrar uma bandeja bem recheada de iguarias.

A nora continuou à procura da chave, impermeável à indiferença do marido e ao desânimo. Concha implorou-lhe várias vezes que se deitasse, prometeu-lhe que elas continuariam à procura, mas recusou-se escutá-la também dessa vez.

– Não deveria esforçar-se tanto – disse Conchita, cravando de novo os olhos no ventre da jovem patroa. – Nunca me perdoaria se lhe acontecesse o mesmo que na Primavera passada.

– Não vai acontecer nada comigo – disse Teresa, sorrindo com doçura. – Já estou de quatro meses. O médico disse-me que está a correr tudo bem.

Já há muito tempo que Teresa havia aprendido a fazer da tenacidade a sua melhor arma.

A chave apareceu por fim perto das onze da noite, dentro da escrivaninha que a senhora tinha na sua antecâmara, que fazia as vezes de saleta

privada. Os dedos de Teresa resgataram-na dali, triunfantes, e entregou-a à sogra, que agarrou nela e, ao mesmo tempo, na mão que a levava.

– Fica um momento, Teresa – ordenou –, e manda toda a gente embora.

A reunião de ambas durou cerca de cinquenta minutos. Quando Teresa transpôs de novo a porta do quarto de dona Maria del Roser tinha os olhos avermelhados e as faces muito pálidas. Foi deitar-se sem jantar. A bandeja de chá com brioques que Concha deixou em cima da mesa da sua salinha estava intacta no dia seguinte.

A noite decorreu numa tranquilidade absoluta. Nem sequer o guarda-nocturno passou em frente ao grande portão da casa. Pode ser que fosse essa grande quietude que, segundo dizem, antecede os grandes cataclismos.

Nas horas seguintes, que já pertenciam ao dia de Natal de 1932, ocorreram três coisas terríveis: arderam os Grandes Armazéns El Siglo, morreu na sua cama a senhora dona Maria del Roser Golorons e Amadeo Lax passou pela primeira vez parte da noite no quarto de Laia, a filha da cozinheira, de doze anos.

## NOTAS LOCAIS

Ontem de manhã foi conduzido até ao cemitério o corpo da senhora dona Maria del Roser Golorons, viúva do construtor e industrial Don Rodolfo Lax e a única herdeira das ricas manufacturas têxteis do mesmo nome que possuem a sua sede na vizinha cidade de Mataró. Todos quantos desfrutaram da amizade e trato com aquela virtuosa dama – ou com a sua família – e até mesmo aqueles que, sem a ter conhecido pessoalmente haviam ouvido falar das suas qualidades de carácter, acorreram ontem a prestar o seu último tributo à sua memória: alguns acompanhando o cadáver até ser sepultado em terra sagrada e outros contemplando a passagem do cortejo fúnebre e proferindo uma prece de bênção pela alma da desafortunada.

Às dez da manhã, à porta da casa da Pasaje Domingo onde na madrugada do dia de Natal teve lugar a tragédia, formou-se a comitiva pela ordem seguinte: o coro dos rapazes da igreja paroquial da Concepción com a cruz erguida; uma numerosa representação do Instituto Operário de San Andrés com o seu estandarte; um bom número de serventes das Indústrias Lax transportando archotes acesos e levando no braço esquerdo os fumos negros em sinal de luto; os cantores da capela de música da Concepción; quarenta meninos do coro também com tochas escoltando o ataúde, que foi levado em ombros por alguns dos empregados das firmas citadas; o clero paroquial precedendo o féretro.

Atrás do carro com os restos mortais da infeliz dama, puxado por seis cavalos negros, ricamente ajaezados, seguiam todos os varões da família presentes em Barcelona e todos aqueles entes queridos que, superando a sua dor com um esforço supremo, quiseram acompanhar os seus restos mortais até estes serem devolvidos à terra. Assim sendo, acompanhados pelo pároco da Concepción, o padre Eudaldo, iam atrás do féretro o filho da defunta senhora, o prodigioso pintor senhor Don Amadeo Lax Golorons; o irmão e sacerdote jesuíta, o padre Juan Lax e, junto deles, quebrando a tradição que dita que as mulheres devem permanecer em



segundo plano nos enterros, dona Teresa Brusés de Lax, nora da falecida. O resto da comitiva não registou quaisquer surpresas: o médico da família, o doutor Gambús, o procurador, senhor Trescents, e outros amigos e parentes chegados, até formar um cortejo de mais de mil pessoas. À cabeça do séquito seguia também o conselheiro senhor Bremón, em representação do presidente da câmara.

É impossível reter os nomes de todos quantos compunham o numeroso séquito. Nele avistámos os senhores Conde Gómez del Olmo (Don Octavio, Don Javier, Don Dionisio e Don Ricardo; Sotolongu; Rosillo, marquês de Santa Isabel; Boada, Albert Despujol, Bassegoda, Seguí, Plan-dolit, Samà, Güell e Giró; também o senhor Morcillo, da União Municipal de Associações da Propriedade Urbana; o doutor Bach, da Câmara Oficial da Propriedade Urbana; o presidente da Concepción, o senhor Serracanta; o senhor Francisco Carreras Candi, presidente da Real Academia de Letras; o senhor Duran y Ventosa, ex-senador; e muitos outros que lamentamos não recordar.

Os nomes anteriores citamo-los de cor e rogamos aos ausentes que nos perdoem o esquecimento involuntário.

Atrás do cortejo seguia a carruagem da Casa da Caridade, o carro funerário e três carros repletos de coroas de flores. Muitas delas eram as oferendas de flores que foram oferecidas como último tributo por membros da família, pessoas chegadas e amigas da finada. Entre as coroas, uma era recordação dos empregados das Indústrias Lax e ostentava a seguinte dedicatória: «À nossa boa dona Maria del Roser, que nos amou como uma mãe.» A maior, enviada pela Sociedade Espírita de Vallés, exibia esta outra: «À nossa amiga e mestra, dos seus desolados companheiros.»

A comitiva dirigiu-se pelo Paseo de Gracia e pela margem esquerda da Calle Aragón até à paróquia da Inmaculada Concepción, onde a comunidade entoou um solene responso acompanhado de música *a capella*. Depois, o cortejo seguiu pela mesma ordem até ao cruzamento do Paseo de Gracia e pela Gran Vía, lugar escolhido para dispensar o séquito. Esse acto solene de respeito e consideração durou muitíssimo tempo. Os dois irmãos Lax apertaram a mão de todos quantos os acompanhavam e proferiram algumas frases de agradecimento.

Cerca de trezentas pessoas não se despediram, transferiram-se, ocupando mais de uma centena de carruagens, até ao Cemitério do Este, onde o corpo de dona Maria del Roser recebeu sepultura cristã no panteão familiar, junto da sua desafortunada filha Violeta, morta devido a uma terrível doença encontrando-se ainda na flor da idade. Para a ocasião, mandou-se esculpir em mármore um anjo dolente, que foi colocado na cúpula do panteão. Mais cedo haviam sido rezadas as rubricas, seguidas de um poema que a nora da defunta quis oferecer em sua memória. Ao longo de todo o Paseo de Gracia e nas ruas por onde passou o cortejo via-se uma imensa multidão parada que contemplou a passagem do féretro descobrindo comovida a cabeça, ao mesmo tempo que balbuciava uma oração.

A dor que aflige os senhores Lax pôde encontrar algum lenitivo e consolo no carácter sincero, solene e geral da manifestação de dor que Barcelona presenciou ontem. Todos quantos nos sentimos honrados com a amizade da família acompanhamo-los de todo o coração no seu sofrimento. Esta desgraça irreparável estreitou ainda mais os laços de carinho e de apreço que os Lax têm sabido granjear no seio de todas as classes sociais de Barcelona, desde a mais aristocrática até à mais humilde.

De todos os corações surgirá sempre uma recordação à boa memória daquela dama tão virtuosa quanto infeliz e de todos os lábios católicos sairá uma oração ao recordá-la. Que descanse em paz a finada e toda a sua família receba de novo os nossos mais sinceros pêsames pelo seu falecimento.